

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA  
ARIANA BATISTA DA SILVA  
(ORGANIZADORES)

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES

4

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA  
ARIANA BATISTA DA SILVA  
(ORGANIZADORES)

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES

4

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora



Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## A educação enquanto fenômeno social: avanços, limites e contradições 4

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Américo Junior Nunes da Silva  
Ariana Batista da Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: avanços, limites e contradições 4 / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Ariana Batista da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0156-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.568222604>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Silva, Ariana Batista da (Organizadora). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Neste livro, intitulado de **“Educação enquanto Fenômeno Social: avanços, limites e contradições”**, reúnem-se estudos dos mais diversos campos do conhecimento, que se complementam e articulam, constituindo-se enquanto discussões que buscam respostas e ampliado olhar acerca dos diversos problemas que circundam o processo educacional na contemporaneidade, ainda em um cenário de desafios demandados pela Pandemia.

Sabemos que o período pandêmico, como asseverou Cara (2020), escancarou e asseverou desigualdades. Nesse movimento de retomada do processo de ensino e aprendizagem presencial, pelas redes de ensino, o papel de “agente social” desempenhado ao longo do tempo pela Educação passa a ser primordial para o entendimento e enfrentamentos dessa nova realidade, vivenciada na atualidade. Dessa forma, não se pode resumir a função da Educação apenas a transmissão dos “conhecimentos estruturados e acumulados no tempo”. Para além do “ler e escrever, interpretar, contar e ter noção de grandeza” é papel desta, assim como, da escola, enquanto instituição, atentar-se as inquietudes e desafios postos a sociedade, mediante as incontáveis mudanças sociais e culturais (GATTI, 2016, p. 37).

Diante disso, a Educação se consolida como parte importante das sociedades, ao tempo que o “ato de ensinar”, constitui-se num processo de contínuo aperfeiçoamento e transformações, além de ser espaço de resistência, de um contínuo movimento de indignação e esperançar, como sinalizou Freire (2018). No atual contexto educacional, a Educação assume esse lugar “central”, ao transformar-se na mais importante ferramenta para a formação crítica e humana das pessoas, como lugar real de possibilidade de transformação da sociedade.

Destarte, os artigos que compõem essa obra são oriundos das vivências dos autores(as), estudantes, professores(as), pesquisadores(as), especialistas, mestres(as) e/ou doutores(as), e que ao longo de suas práticas pedagógicas, num olhar atento para as problemáticas observadas no contexto educacional, buscam apontar caminhos, possibilidades e/ou soluções para esses entraves. Partindo do aqui exposto, desejamos a todos e a todas uma boa, provocativa e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva  
Ariana Batista da Silva

## REFERÊNCIAS

CARA, Daniel. **Palestra online promovida pela Universidade Federal da Bahia, na mesa de abertura intitulada “Educação: desafios do nosso tempo” do evento Congresso Virtual UFBA 2020**. Disponível em: link: <https://www.youtube.com/watch?v=6w0vELx0EvE>. Acesso em abril 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GATTI, B. A. Questões: professores, escolas e contemporaneidade. In: Marli André (org.). **Práticas Inovadoras na Formação de Professores**. 1ed. Campinas, SP: Papyrus, 2016, p. 35-48.

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

LA VIRTUALIDAD SALVÓ LA REALIDAD: EXPERIENCIA DE ESTUDIANTES DURANTE LA PANDEMIA

Gabriela Fernández Saavedra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5682226041>

### **CAPÍTULO 2..... 8**

UMA ANÁLISE SOBRE A EVASÃO E PERMANÊNCIA DO ALUNO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS -EJA NA EMEF. “DOM CLEMENTE GEIGER” –ALTAMIRA/PÁ, (2011- 2021)

Ronaldo dos Santos Leonel

Joab Marques da Costa

Antonio dos Santos Leonel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5682226042>

### **CAPÍTULO 3..... 20**

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA DE UMA ABORDAGEM PARA ALÉM DA CRÍTICA

Kele Cardoso da Silva

Camila Brüning

Carolina de Souza Walger

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5682226043>

### **CAPÍTULO 4..... 39**

A ESCOLA COLOCA EM RISCO A UNIDADE INTEIRA: DILEMAS E CONFLITOS NA GESTÃO DO PROCESSO SOCIOEDUCATIVO

Roseanna de Andrade Moura Silva

Nalayne Mendonça Pinto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5682226044>

### **CAPÍTULO 5..... 54**

INTEGRAÇÃO, TEORIA E PRÁTICA EM UM ESTÁGIO PROFISSIONALIZANTE DE TERAPIA OCUPACIONAL

Roberta de Oliveira Corrêa

Ana Cláudia Martins e Martins

Ester Miranda da Silva

Renato da Costa Teixeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5682226045>

### **CAPÍTULO 6..... 64**

DIÁLOGOS SOBRE SEXUALIDADE NA ADOLESCENCIA COM ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Audete Simão de Souza

Jean Carlos Matos de Sousa

Ihorranny da Silva Conrado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5682226046>

**CAPÍTULO 7..... 76**

O DESEMPENHO DOS ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM QUÍMICA, DA UFMT, CAMPUS CUIABÁ, NO CURSO E NO ENADE, E A REFLEXÃO SOBRE QUALIDADE

Leandro Elias dos Santos

Marta Maria Pontin Darsie

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5682226047>

**CAPÍTULO 8..... 86**

MODOS DE PERTURBAR O ESTATUTO DOS SABERES NA LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Carmen Lúcia Capra

Daniel Bruno Momoli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5682226048>

**CAPÍTULO 9..... 98**

GESTÃO ESCOLAR: PROCESSO DE ESCOLHA DE UM GESTOR

Ednalva Tavares de Mendonça Telinhos Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5682226049>

**CAPÍTULO 10..... 108**

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Sandra Lia de Oliveira Neves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260410>

**CAPÍTULO 11..... 120**

DINÂMICAS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO IFBA

Graziela Silva Ferreira

Ana Rita Silva Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260411>

**CAPÍTULO 12..... 128**

REPRESENTACIONES CONFLICTIVAS: OPERANDO NÚMEROS DECIMALES

Carlos A. LópezLeiva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260412>

**CAPÍTULO 13..... 140**

O FORTALECIMENTO DO PAPEL DO COORDENADOR ESCOLAR POR MEIO DAS FORMAÇÕES REGIONAIS COLABORATIVAS NA CREDE 08

José Alves da Silva

Lucia Kelly Souza Menezes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260413>

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>146</b>
A MATEMÁTICA DO VESTUÁRIO	
Girleide Maria da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260414">https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260414</a>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>166</b>
REPENSANDO O DISCURSO EMPREENDEDOR NA ESCOLA: A ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA COMO POSSIBILIDADE FRENTE À OFENSIVA NEOLIBERAL “EMPREENDEDORA”	
José Raimundo Oliveira Lima	
Lucas Cauã de Souza Mota	
Neusa Núbia Carvalho da Silva	
Verônica Ramos da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260415">https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260415</a>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>179</b>
ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO NA EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	
Vilma Aparecida Bianchi	
Rita Melissa Lepre	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260416">https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260416</a>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>187</b>
CONTOS, MITOS E LENDAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	
Edméia da Conceição de Faria Oliveira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260417">https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260417</a>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>203</b>
¿QUÉ COMPARAR CUANDO SE COMPARAN LAS DESIGUALDADES EN LOS SISTEMAS EDUCATIVOS? MÁS ALLÁ DE LAS DESIGUALDADES ESCOLARES, LA REPRODUCCIÓN SOCIAL	
Silvia Verónica Valdivia Yábar	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260418">https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260418</a>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>211</b>
PROJETO TÁ LIMPEZA: UMA INICIATIVA SUSTENTÁVEL EM FAVOR DOS AMBIENTES COSTEIROS	
Yago Victor Taurino Vilarim	
Ana Carolina da Silva Marques	
Maria Clara Lemoine Soares Paes	
Maria Raissa Coelho Marchetti Trindade	
Mariane Gomes Barboza	
Mário Henrique da Silva Soares	
Túlio Seabra Camelo	
Welemberto Fernando dos Santos Lima	
Wilka Vitória Granjeiro do Nascimento	

Yasmim Gomes Alves de Brito  
Paulo Guilherme Vasconcelos de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.56822260419>

<b>SOBRE OS ORGANIZADORES .....</b>	<b>218</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>219</b>

# CAPÍTULO 8

## MODOS DE PERTURBAR O ESTATUTO DOS SABERES NA LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Data de aceite: 01/04/2022

Data de submissão: 25/02/2022

### Carmen Lúcia Capra

Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é professora adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Lidera o Grupo de Pesquisa Flume: educação e artes visuais (UERGS/CNPq, [www.grupoflume.com.br](http://www.grupoflume.com.br)) e atua no Arteversa, grupo de estudos e pesquisas em arte e docência (UFRGS/CNPq, <https://www.ufrgs.br/artevera/>). Compõe o Núcleo Educativo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) Montenegro, RS  
<http://lattes.cnpq.br/7109666867033767>  
<https://orcid.org/0000-0002-0185-7634>

### Daniel Bruno Momoli

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor da Universidade Estadual do Paraná (UERGS). Membro do Arteversa, grupo de estudos e pesquisas em arte e docência (UFRGS/CNPq, <https://www.ufrgs.br/artevera/>), do Grupo de Pesquisa Flume: educação e artes visuais (UERGS/CNPq, [www.grupoflume.com.br](http://www.grupoflume.com.br)) e do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Formação Docente - GAEFO (UNESPAR/CNPq) Curitiba, PR  
<http://lattes.cnpq.br/7701594143194418>  
<https://orcid.org/0000-0001-8400-9536>

**RESUMO:** Este texto apresenta duas ações desenvolvidas no exercício docente em licenciaturas em artes visuais em 2017 e 2021, no sul do Brasil, cujo interesse comum foi perturbar o estatuto dos saberes da arte e da educação no contexto universitário. Interessa-nos pensar diferentemente as relações entre arte e educação de maneiras que permitam elaborações outras na formação docente, para pensar questões que gerem novas fronteiras ou movimentem as existentes entre arte e educação na licenciatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Artes visuais. Educação. Políticas do saber.

### WAYS OF DISTURBING THE STATUTE OF KNOWLEDGE IN VISUAL ARTS TEACHING DEGREE

**ABSTRACT:** This text presents two actions developed in the teaching practice of visual arts teaching degree in 2017 and 2021, in southern Brazil, whose common interest was to disturb the statute of knowledge of art and education in the university context. We are interested in thinking differently about the relationship between art and education in ways that allow other elaborations in teacher training, to think about issues that generate new frontiers or move the existing ones between art and education in the degree.

**KEYWORDS:** Visual arts. Education. Knowledge policies.

### INTRODUÇÃO

Este texto<sup>1</sup> dá continuidade às

1 A primeira versão deste texto foi apresentada no XXIX Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil, em Manaus (2019).

discussões de duas teses de doutorado realizadas junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação na UFRGS, cujo ponto em comum é a formação inicial docente em artes visuais. “Problematizações sobre políticas da arte na licenciatura em artes visuais: é preciso gostar da arte de outro jeito, a licenciatura é uma praça” (CAPRA, 2017) volta-se às conexões da licenciatura com o regime de inteligibilidade da arte. Já a tese “Regimes de Circulação de Saberes: arte, educação e formação docente” (MOMOLI, 2019) problematiza as negociações estabelecidas entre o campo artístico e o campo pedagógico no âmbito da formação de professores.

Apresentam-se duas práticas de aula em cursos universitários de artes visuais - uma em Montenegro, uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, e outra em Curitiba, no Paraná -, que jogam com os limites do estatuto do saber entre arte e educação na universidade. Ambas procuraram perturbar a linguagem pedagógica estabelecida tanto pela graduação quanto pelas orientações metodológicas que estudantes de licenciatura em artes visuais devem conhecer, além de tatear formas de desestabilizar os modos de agir e de se conduzir delineados pelo regime de reconhecimento da arte. Como um fundo comum a ambos exercícios, existe a tentativa de exercitar o que nossos trabalhos de pesquisa em educação e arte propuseram no plano teórico. Como contribuição, temos presente que exercitar-nos assim produz diferença para a formação docente em artes visuais e nos põe, com Skliar (2014), a pensar outra coisa em nosso próprio pensamento, a dizer outra coisa em nossa própria linguagem. Mesmo que o indefinido e o estranho tragam mais medo do que paixão, consideramos que é preciso pensar “uma linguagem mais habitada por dentro do que revestida por fora” (SKLIAR, 2014, p. 20).

## **O QUE SE PODE APRENDER DE UMA IMAGEM?**

Essa foi a questão lançada a uma turma de Metodologia e Prática de Ensino de Artes Visuais no segundo semestre de 2017, na Graduação em Artes Visuais – licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). A disciplina posicionava-se em um ponto do curso no qual deveriam ser produzidas as bases para a realização dos estágios docentes, pois os componentes de cunho poético e teórico da arte dirigem-se mais à formação “nas coisas” de arte do que a preparação para a docência. Essa característica não é exclusiva da licenciatura em artes visuais, uma vez que no Brasil esses cursos dedicam-se a desenvolver concomitantemente, mas não integradamente, o conhecimento disciplinar (da e sobre a arte) e o conhecimento pedagógico (do ensino da arte), constituindo um problema largamente estudado<sup>2</sup>.

Era importante que aquela turma experimentasse estratégias de aprendizagem que alimentassem o imaginário metodológico para além das abordagens estudadas na

---

<sup>2</sup> Sobre o tema, sugere-se consultar: LIBÂNEO, José Carlos. Formação de Professores e Didática para Desenvolvimento Humano. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 629-630 650, abr./jun. 2015.

licenciatura e para além de um ensino da arte emitido pela voz da história, da estética ou do fazer de artistas. As metodologias de relevância histórica e acadêmica devem ser conhecidas por quem se forma na docência, contudo, como professora formadora, busco ultrapassar as perguntas e as respostas feitas pela arte-educação que balizaram minha própria formação. De algum modo, é preciso que hoje quem está enlaçando educação e arte faça suas próprias perguntas ao campo e construa as associações necessárias ao reposicionamento do que já foi construído.

O componente vinha sendo ministrado com a articulação entre textos de fundamentação complementados por exemplos que os tensionassem e expandissem. Foi assim com o livro de Alex Frechette, composto de cenas de violência social para pintar em tons de cinza<sup>3</sup>. Os livros com figuras para colorir são completamente rejeitados por quem analisa o ensino de arte, sob o argumento de que são práticas mecânicas e descontextualizadas distantes do que deve ser o ensino em artes visuais hoje em dia. Contudo, nas redes sociais e em salas de aula reais, observamos que as folhinhas para pintar são práticas corriqueiras de um ensino que se alimenta de artes divertidas que alimentam um abismo entre aquilo e a arte como conhecimento, entre a educação e o investimento material e simbólico necessários para que exerça o seu princípio social. Entretanto, há resistência na pintura de desenhos prontos: conflitos sociais para pintar podem ser usados para desenvolver pensamento e imaginação, “dando um novo fim ao trabalho, sem certo ou errado, sem uma previsibilidade de como esse [desenho para pintar] terminaria” (MOMOLI; LOPONTE; STORCK, 2018, p. 3), ultrapassando muito o que pode ser estético, agradável e automático naquela atividade. Re-formar o difícil desenho social fornecido pode ser o sonho de outra sociedade.

Tensionar e expandir também foi o objetivo de refletir sobre a pintura do espanhol José de Ribera, “*Magdalena Ventura con su marido (La mujer barbuda)*” (1631), cuja figura materna, que nos encara ao amamentar uma criança, não corresponde à norma de gênero<sup>4</sup>. O rosto envelhecido e com barba seria de uma mulher napolitana que recorreu ao pintor para realizar o seu retrato. Aprofundando os sentidos da obra, a aparente monstruosidade da pintura introduz o tema do deslizamento de gênero e do hermafroditismo ainda no século XVII, na Europa. Como imagem, não é exagero dizer que a pintura tem total ausência na arte cogitada para o ensino, seja universitário ou escolar, dada a nossa dificuldade em tratar desse tema com a consideração que merece. A pergunta lançada nesse exercício foi mais ou menos essa: o que as imagens que transitam nas salas de aula dizem sobre as formas atribuídas aos corpos das pessoas? Que existências podem ou não podem ser assumidas nas imagens e no mundo e de onde vêm as permissões? Que figuras “passamos para ver” nas salas de aula e como isso narra o que somos?

3 A partir de Momoli, Storck e Loponte (2018) e do “Diário para Descolorir”, de Alex Frechete. [https://www.academia.edu/38859797/Di%C3%A1rio\\_para\\_descolorir\\_-\\_Um\\_livro\\_para\\_adultos\\_para\\_ser\\_descolorido\\_com\\_variados\\_tons\\_de\\_cinza](https://www.academia.edu/38859797/Di%C3%A1rio_para_descolorir_-_Um_livro_para_adultos_para_ser_descolorido_com_variados_tons_de_cinza).

4 Ver a apresentação da obra pelo Museu do Prado: <https://www.youtube.com/watch?v=wtsW-7A-yME>.

O segundo exercício realizado na mesma turma pode ser descrito como “Aprender algo de alguma coisa”. Não foi a complementação para um texto, mas uma prática energizada pela proposta da Professora Glória Jové com estudantes de um curso universitário de Pedagogia e crianças em uma escola em Lleida, na Espanha, a partir de livros descartados<sup>5</sup>. Uma das questões levantadas pela turma de acadêmicos era como gerar aprendizado a partir de livros destinados ao descarte, fazendo uma espécie de jornada no tempo com os livros e aproveitando os recursos disponíveis ao redor.

Aprender a partir de uma imagem qualquer também foi uma tentativa de evidenciar as políticas da arte atuantes na formação docente em artes visuais e na escola (CAPRA, 2017), com o interesse de propiciar aprendizagens que não venham do ensino. Tomando Jacques Rancière (2011) como referência, seria um modo de desarmar a lógica pedagógica, aquela em que a distância do aluno em relação ao conhecimento se mantém mesmo que venha a aprender. A lógica pedagógica sustenta-se justamente na distância que lhe funda: o professor tem o conhecimento que o aluno não tem, conhece a distância entre o aluno e o conhecimento e sabe os meios para que o aluno a supere. Quando o aluno aprende, entretanto, outra distância logo se instala em relação ao próximo item a conhecer.

O ensino da arte também produz formas de ver, dizer e relacionar-se com a arte. Na licenciatura em artes visuais, funciona toda uma formulação que se expressa e confirma desde o vocabulário até as relações com as imagens, construindo o necessário saber teórico e poético da arte. Esse conjunto de operações são a referência para a formação pedagógica em artes visuais, cujo movimento transpositivo se encarregaria de levar para a escola os pressupostos do campo artístico por meio de proposições pedagógicas, contudo, sem questionar o funcionamento e a constituição dessas operações.

O que é entendido como arte não acede a esse lugar apenas pelos atributos da obra de arte, mas porque existe um regime pelo qual o modo como algo é manifestado, sentido e significado é reconhecido como arte. Designado regime estético da arte (RANCIÈRE, 2009; 2013), ele distribui as experiências com a arte pela diferenciação entre o lugar e o caráter da experiência de artistas e a experiência de espectadores. Na formação docente, a distinção entre esses lugares e experiências com a arte e os seus efeitos para a docência talvez ainda não tenham recebido a devida atenção: quem está em formação para atuar na educação básica, o que fará com essa diferença entre as experiências com a arte, na escola? Que efeitos as distinções que compõem o campo artístico produzem em relação ao sentido público da educação escolar? Ou seja: as operações feitas com a arte na formação docente compõem políticas da arte no curso de licenciatura que produzem subjetividades fundadas no campo de possibilidades *das* artes visuais. São experiências traçadas de antemão, que têm rubricas, enquanto que, antes, propomos abrir a arte à conversação na licenciatura e na escola (CAPRA, 2017; 2018). Perturbar hegemonias (como a da arte institucionalizada em relação às que se dão junto à vida), hierarquias (como as dos sujeitos

5 Ver o projeto “Estampas” (2015), disponível em <http://www.espaihibrid.udl.cat/?p=238>.

no mundo da arte e seus efeitos na escola) e especialização (como a do discurso artístico quando ele é autorreferente) são modos de fazer uma crítica necessária que defenda a arte na escola, porém não sem revisar os motivos e as práticas implicadas nessa presença.

Aprender algo de uma imagem tinha como objetivo observar o que é possível aprender da arte na interação direta e com a mínima mediação. O exercício buscava problematizar a docência, a filiação às abordagens metodológicas e a adesão ao campo artístico. Em uma espécie de jogo, buscava abrir *com* a turma a possibilidade de uma tal interação ou uma tal atitude que pudesse trazer ao mundo um pensamento não produzido por uma condução validante.

No acervo da biblioteca, escolhi uma imagem impressa, uma aquarela de Jean Baptiste Debret intitulada “O primeiro impulso da virtude guerreira”, de 1827<sup>6</sup>. Sendo parte das narrativas da arte e da história do Brasil, a imagem permitia uma riqueza de caminhos pelos quais a turma buscasse aprender algo, considerando um período de uma noite de aula. Por constituir um conjunto impresso em tamanho A3 que foi distribuído por uma instituição cultural como recurso para aulas escolares, havia no verso um breve texto que tratava sobre o artista e o contexto da época, além de outras imagens menores, obras do mesmo artista. Foi proposto que o exercício fosse feito individualmente – aprender algo daquela imagem – e foi fácil acessar o arquivo digital em boa qualidade pelos telefones para não depender da única imagem impressa. Então, o exercício era: dedicar-se à observação da imagem, pensar com e a partir dela, buscando aprender algo que viesse daquela dedicação.

Na comunicação do que haviam aprendido, quem consultou a imagem pela internet trouxe o nome do artista e a técnica, assim como o ano e as dimensões. Também vieram informações específicas sobre Debret e sua passagem pelo Brasil e gerais sobre a Missão Artística Francesa. As crianças brincando, as características da paisagem e outros elementos mais descritivos também foram comentados, compondo algumas suposições sobre o local, a cena e o seu simbolismo. Uma aluna prestou atenção ao verso da imagem impressa, na qual havia conteúdos dispostos de uma forma didática. Ateve-se à palavra “quitanda” e expôs que, em primeiro lugar, é um termo usualmente empregado para designar o lugar onde frutas, verduras e assemelhados são vendidos, mas naquele texto, quitanda não era um lugar, mas uma coisa, o que a levou a realizar uma busca na internet.

Surpreendentemente, descobriu que quitanda era o objeto com que eram carregadas as frutas e as iguarias feitas para vender. Na forma de uma cesta ou de um tabuleiro, a quitanda era usada por ambulantes na época colonial. A ligeira, porém, marcante mudança de sentido da palavra quitanda chamou a atenção daquela estudante, deslocando-o do sentido remanescente em nossa época. Ademais, da perspectiva sobre o que se pode aprender com uma imagem, produziu diferença o modo como a imagem foi acessada pela estudante em relação aos demais modos adotados pela turma.

<sup>6</sup> Imagem disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/obras/art\\_civilizacao\\_files/fig05.jpg](http://www.dezenovevinte.net/obras/art_civilizacao_files/fig05.jpg).

No resgate do episódio, levamos adiante aquele caminho, acrescentando que a origem de quitanda pode ser a palavra angolana “kinda”, que no Brasil colonial era uma cesta que era usada por mulheres negras para carregar e dispor alimentos frescos para vender nas ruas das cidades. Diversas kindas reunidas vieram a compor o que hoje entendemos como o lugar de comércio de frutas e alimentos, chamado quitanda. A palavra parece ter também ligação com “kúfanda” ou “kuntanda”, na língua kimbundo, que significa distanciar, mandar para longe, afastar-se, desterrar-se (ASSIS JUNIOR, s/d.). Complementando, no livro *Um Defeito de Cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves, encontramos: “[...] ficaram à disposição todos os tipos de bebidas e quitandas, sendo que de madrugada foi servida uma sopa [...]” (p. 182) e “Tinham colocado tabuleiros em uma quitanda perto da Praça do Palácio [...]” (p. 457).

Assim, abre-se enormemente o sentido da palavra encontrada no verso de uma imagem impressa de Debret, compondo profundas camadas de sentido histórico e simbólico, antes inimagináveis. Talvez a mais pungente aprendizagem que vem daí é o apagamento da mulher negra na condição de escravidão e desterro que, apesar de inúmeras vezes representada em imagens consideradas de valor artístico e histórico, teve o modo de sobrevivência, a cultura original e a condição imposta suplantados hierarquicamente pela transformação semântica da palavra quitanda e pela cultura das artes.

Do que foi descrito – e levando em conta a brevidade do exercício realizado – é importante atentar aos modos lançados pela turma para aprenderem algo de uma imagem. A maioria recorreu aos recursos da história da arte, da biografia do artista, da descrição da imagem e de uma tentativa de interpretação. São as mesmas chaves com as quais as imagens são tratadas no curso: pela história, seja como objeto historicizado em uma narrativa sobre um fato artístico e estilístico, seja pela natureza representativa da imagem e pela técnica; pela abordagem mais comum que o ensino de arte tem feito, interpretando-a, de forma semelhante à experiência “sem distrações” com uma obra no museu. Não fosse uma aluna, foi praticamente nulo o movimento fora dos traçados que formam a experiência com a imagem na graduação. Neste sentido, a linguagem de oferta da imagem e as ações produzidas a partir daquilo atenderam a uma espécie de “pedagogia da arte” margeada pelo que afirma que certas coisas que estão no mundo são obras de arte. Esse fio condutor talvez explique que a atenção dedicada à imagem tenha sido pautada por práticas “já praticadas”, sem que houvesse orientação para procederem de tal maneira.

Como pensar a partir de uma imagem por fora das maneiras já conhecidas? Que outras possibilidades de aprendizagem com as imagens podemos oferecer que não a interação do espectador com um objeto? Como a graduação pode produzir aberturas importantes para a dimensão política da educação? Existe uma política do saber na licenciatura e, mesmo pretendendo um desafio de liberação, o exercício fez funcionar as mesmas chaves usadas na graduação para abordar as imagens: a história da arte, a biografia do artista, a apreciação do espectador, o isolamento do que está na obra em

relação ao que vivemos. Essa lógica compõe o sistema educativo de todos os níveis, desde o ensino fundamental até o universitário, em que andar de acordo com o instituído é um valor corrente para estudantes e professores. O que ocorre em um curso de arte não foge à regra, muito embora sejam grandes os esforços para que a experiência formativa ocorra o mais possível no entrelaçamento das artes visuais com a educação e na liberdade de criar para, com isso, aprender.

Mesmo que proposições artísticas coletivas e envolvidas com a vida venham compondo a formação docente, perturbam pouco a política da arte na licenciatura. Ademais, os atributos que compõem as artes da atualidade podem constituir discursivamente as maneiras mais aceitas de ser no mundo *da arte* e também no mundo *da educação em artes visuais*, mantendo aquelas subjetividades. Se “o saber artístico acadêmico impõe-se como um novo e mais coerente começo nas artes e na formação de professores e também na educação escolar em artes visuais” (CAPRA, 2018, p. 98), isso ocorre desconsiderando um contingente de relações com imagens e formas de arte que existem apesar do regime operativo das artes. Especialmente pelo que escancarou-se no Brasil pós-pandemia, as injustiças históricas e o desmonte estrutural, mostra-se urgente que a formação docente perturbe a ordem dos saberes na licenciatura em artes visuais, necessariamente assumindo o embate constante entre as artes e a educação (MOMOLI, 2019).

## **É POSSÍVEL ACIONAR OUTROS MODOS DE EXPERIÊNCIA E DE SABER, NA FORMAÇÃO INICIAL DE DOCENTES?**

Em 2021, fui responsável pela oferta de um componente curricular denominado de Cultura, Currículo e Avaliação no ensino de Arte (CCAA), no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), no Campus II de Curitiba. De meu ponto de vista, tal componente pode ser considerado como uma inovação pedagógica que o curso produziu nos últimos anos, pois ele nos permite aproximar a formação inicial de docentes de artes visuais de dois temas centrais para compreender os cotidianos docentes, currículo e avaliação, e os articula com a noção de cultura. Isso permite a construção de um lastro teórico e filosófico para problematizar a educação em artes visuais e a escola contemporânea.

No desdobramento da ementa, propus à turma o estudo de dois documentos curriculares que orientam os fazeres educacionais da atualidade. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP)<sup>7</sup>. A paragem nesses dois documentos tinha (e ainda tem) um risco iminente: o de encantar-se pelas sonoridades de textos ardilosamente construídos para nos fazerem acreditar que os modelos de educação que neles estão propostos atendem às lutas que temos estado travando há mais de um século pela afirmação do direito à educação. Para enfrentar a sedução das

<sup>7</sup> Para saber mais, ver nas referências: Brasil (2018) e Paraná (2021).

palavras, entramos em ambos os documentos, desafiados a encontrar neles: a) que jeitos de ser e estar na escola estavam descritos em cada um dos documentos? b) que formas de docência e que metodologias estavam sendo acionadas entre uma página e outra?

Nossa busca foi por palavras e expressões capazes de acionar em nossos imaginários docentes, formas de visualidades e sonoridades prescritivas. Encontramos nesse exercício materialidades como, por exemplo, a palavra “sentimento”, que se multiplica em uma variedade de outras expressões: sensação, sensibilidade, emoção, intuição, natureza vivencial, possibilidades expressivas, reflexão sensível, fenômeno sensível e expressividade. A busca pelas expressões nos instigou a pensar sobre uma certa estética da forma e da vida escolar que vão sendo modeladas por um modo de agir conduzido por orientações reducionistas como aquelas que constam na BNCC e que se referem, por exemplo, aos saberes e as práticas artísticas não como área de conhecimento, mas como uma unidade temática. Ou ainda na noção de infância identificada nos documentos. Em ambos os documentos constatamos uma deslegitimação da criança como sujeito que produz experiências de mundo.

Para acompanhar o percurso que fazíamos e não nos enredarmos nas palavras-armadilhas, começamos a contrastar o texto com o projeto Novas Maurílias do artista paranaense Tom Lisboa, cuja ideia central está relacionada à Maurília, cidade apresentada por Ítalo Calvino, na qual o viajante é convidado a visitá-la ao mesmo tempo em que observa antigos cartões-postais que mostram como aquela cidade havia sido. Tom diz que a cidade de Calvino poderia ser hoje uma metrópole como Curitiba, ou talvez como São Paulo, ou Londres, ou, então, Paris, que são cidades que habitam nossos imaginários e são sonhadas por outras pessoas.

Em seu projeto, o artista percorreu mais de três mil quilômetros para visitar Iguatu, Esperança Nova, Nova Aliança do Ivaí, Guaporema, Mirador, Santa Inês, São Manoel do Paraná, Miraselva, Jardim Olinda e Santo Antônio do Paraíso que estão entre os menores municípios paranaenses, fundados entre as décadas de 1960 e 1990 e cujo número de habitantes fica entre 1.400 e 2.500 pessoas. São lugares que não fazem parte das rotas turísticas, não são sonhados por ninguém e que pouco ou quase nada se ouve falar deles.

As andarilhagens do artista em cada uma das cidades começava pela residência de alguma pessoa que tinha vivenciado as histórias daquele lugar e que era conhecida pelos demais habitantes como pioneira. Cada conversa desdobrava-se em outra que era continuada de casa em casa porque sempre tinha alguém que conhecia melhor as histórias do lugar. Colhendo fragmentos dispersos em vários endereços, o artista foi acessando aos poucos a memória coletiva de cada uma das cidades visitadas, tendo juntado ao final do percurso mais de 6 mil fotografias e aproximadamente 50 horas de gravação. Com o projeto, o artista buscava produzir imagens para serem lembradas no futuro pelas pessoas que habitavam aqueles territórios. Para isso, Tom reuniu grupos de habitantes de cada uma das cidades onde as imagens foram produzidas. Uma a uma, as fotografias foram sendo

olhadas e de cada uma delas brotavam novas histórias que transformavam cada pessoa em uma inventiva narradora. Depois de definida uma imagem para cada um daqueles lugares, foi feita uma tiragem de 3 mil cartões-postais que foram entregues aos municípios para serem distribuídos às pessoas. Agora aquelas cidades antes pouco ou quase nada conhecidas, passaram a pertencer, assim como outras cidades, a um emaranhado de fantasias.

O que nos levou a fazer este contraste foi o interesse em produzir ferramentas que nos permitissem desmontar as escolhas de conhecimentos determinadas por aqueles documentos curriculares que são denominados como “conhecimentos essenciais” tanto pela BNCC quanto pelo CREP. Ao fazer isso, observávamos os “encaixes e desencaixes” (TRAVERSINI, 2012) que estruturam noções e concepções que buscam incidir sobre nossas subjetividades enquanto professores, professoras e estudantes. A partir dessa experimentação foi possível questionar, por exemplo, o que torna determinados conhecimentos essenciais e não outros, como, educação patrimonial, memória, patrimônio imaterial e material que não aparecem na BNCC nem mesmo no CREP?

Estudar os documentos que orientam a organização e o planejamento da educação por meio de estratégias elaboradas com os conhecimentos que são do campo artístico, nos permitiu pensar de um lugar “outro” (GROS,2011). Abordamos os estudos sobre currículo sem acionar todo um conjunto de leituras e teorias que já nos são bastante conhecidas. Ao mesmo tempo atualizamos o pensamento de autoras como Julia Varela e autores como Michel Foucault sobre os saberes amorfos, os saberes das lutas, os saberes das pessoas, os conhecimentos ordinários e as práticas insurgentes que ficam sem um lugar porque não foram considerados essenciais para compor os documentos curriculares<sup>8</sup>.

Escolher um conteúdo é escolher os caminhos possíveis e ou as informações importantes para percursos que podem ser feitos por crianças, estudantes, juventudes e pessoas adultas ao longo de suas trajetórias formativas. Cabe a nós, na universidade, na formação de docentes, nas escolas, nos projetos educativos que são desenvolvidos em contextos não-escolares a reinvenção dos currículos para questionar que saberes são estes que temos que aceitar sobre nós mesmos, sobre as outras pessoas e sobre o mundo, pois, como diz Tomaz Tadeu da Silva: “o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade” (SILVA, 2019. p.15).

Interrogar-se sobre estas questões foi uma forma de liberar espaços em nossos pensamentos, esses tão acostumados às teorias que tentam nos explicar o que e como fazer. Na contramão das certezas que predominam em certas teorias educacionais optamos por fazer o que nos diz Favaretto (2010, p. 9), acionar “outro modo de experiência e de saber” a partir de práticas artísticas que ao invés de nos oferecerem respostas prontas e acabadas, elas nos possibilitam elaborar perguntas sem precisar recorrer às mesmas

<sup>8</sup> Para saber mais sobre esta discussão, ver: Varela (2011) e Foucault (2010).

discursividades.

Ao contrário da BNCC e do CREP cuja orientação assenta-se sobre concepções de aprendizagens progressivas e lineares que se restringem aos saberes escolares considerados essenciais por tais documentos. Ao imaginar outras paisagens e outros cenários no âmbito da formação inicial de docentes de artes visuais, movimentamos as relações entre sujeitas, sujeitos, saberes e territórios que são elementos centrais que constituem os campos curriculares que organizam as experiências educacionais, ampliando o debate sobre a dimensão educativa de nossas práticas, sem deixar de pensar que outros mundos ainda podemos inventar.

## **MODOS DE PERTURBAR OS SABERES: QUESTÕES PARA GERAR NOVAS FRONTEIRAS E MOVIMENTAR AS EXISTENTES**

Para alinhavar as questões apresentadas a partir de duas situações de aula, é preciso destacar o interesse que temos em romper com o que pode haver de uma ordem utilitarista da aula e dos saberes na formação docente. Nossas apostas foram feitas em práticas que seriam radicais não tanto pela sua forma, mas por aquilo que podem ser capazes de gerar na relação entre docentes em formação com o conhecimento, consigo mesmo e com o mundo.

Aos poucos, viemos experimentando um tipo de produção inventiva do imaginário metodológico docente, a partir de exercícios de liberação de espaço para a negociação com o saber em forma bruta, no contexto da formação, sem que seja preciso negar as abordagens de relevância histórica para a educação em artes, mas que possam ser estabelecidas novas formas de encontro com a imagem, com os conhecimentos da e sobre a arte, com as normas da educação nacional. Fazer algo com o que vem de alunas e alunos na liberação do aprender são ações que talvez sejam interpretadas como descompromissos. Contudo, antes, trata-se de um gesto de trabalhar sem a expectativa de-para, trata-se de um ato de encontro com o conhecimento sem a mediação capacitista que classifica quem sabe ou é capaz de aprender e sem a mediação hierárquica (e muitas vezes autorreferente) dos campos constituintes da licenciatura.

O movimento das fronteiras, o que alude ao que temos experimentado enquanto docentes na formação docente em cursos de licenciatura em artes visuais, assume o estatuto dos saberes da arte e da educação, mas considera a dimensão política pertinente à educação universitária e escolar. Nessa permanente negociação, friccionam-se os saberes históricos – dos acervos, dos museus, dos livros, das instituições – com os saberes amorfos – os saberes ordinários, os saberes das lutas, aqueles que existem junto à vida.

Assim como é possível tensionar as operações que têm sido feitas com os saberes artísticos que por vezes assumem proposições que desenham uma tal experiência com a arte, mantendo as experiências delineadas pelas instituições, buscamos também alargar

os limites do que pode ser aprendido com a arte na escola.

Evidenciar a ordem dos saberes oportuniza pensar diferentemente as relações entre arte, educação, docência, escola e formação. O que compartilhamos não é uma síntese, não é uma resposta, muito menos a verificação para uma suposta aplicabilidade. Antes, é o registro do instante em que o plano conceitual consegue encontrar zonas de contato com o plano operativo da formação, cujos efeitos desalinham as nossas próprias formulações, pois acabam nos mostrando novas camadas do objeto de estudo que tanto nos desafia, a docência em artes visuais.

## REFERÊNCIAS

ASSIS JUNIOR, Antonio de. **Dicionário Kimbundu - Português, linguístico, botânico, histórico e corográfico**. Luanda: Argente, Santos & Cia. Ltda. s/d. Disponível em: <<https://archive.org/details/dicionrikimbu00assiuoft/page/n4>>. Acesso em 7 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAPRA, Carmen Lúcia. **Problematizações sobre políticas da arte na licenciatura em artes visuais**: é preciso gostar da arte de outro jeito, a licenciatura é uma praça. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2017. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/174852>>. Acesso em 7 fev. 2022.

\_\_\_\_\_. Aberturas à conversação: dois exercícios de aula na licenciatura, a formação docente em artes visuais e a arte na escola. **Paralelo 31**. Edição 11, dezembro de 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/15545>>. Acesso em 10 fev. 2022.

\_\_\_\_\_; MOMOLI, Daniel Bruno. Modos de Perturbar o Estatuto dos Saberes na Licenciatura em Artes Visuais. In: CATELAN, Fernando Bueno; LOPES, Valter Frank de Mesquita. (Orgs.). **Nortes da Resistência: Lugares e Contextos da Arte Educação no Brasil**: Anais [do] XXIX Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil [e] VII Congresso Internacional dos Arte/Educadores. Manaus, AM, 2019. Disponível em: [www.faeb.com.br](http://www.faeb.com.br). Acesso em 22 fev. 2022.

FAVARETTO, Celso Fernando. Arte Contemporânea e Educação. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 53, p. 225-235, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France. 2 ed. Martins Fontes: São Paulo, 2010.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de Cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GROS, Frédéric. Situação do curso. In: FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II: curso no collège de France (1983-1984). Martins Fontes: São Paulo, 2011. P.301-316.

JOVÉ, Glòria. **Maestras contemporâneas**. Edicions de la Universitat de Lleida: Lleida, 2017.

MOMOLI, Daniel Bruno. **Regimes de Circulação dos Saberes**: arte, educação e formação docente. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2019.

\_\_\_\_\_; LOPONTE, Luciana Gruppelli; STORCK, Karine. Artes Visuais na Formação Docente: para quê? In: Anais do IV SIPASE: **Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação**: a construção da profissionalidade docente: a pessoa em formação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/sipase/assets/edicoes/2018/arquivos/58.pdf>. Acesso em 22 fev. 2022.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação e do Esporte. **Currículo da Rede Estadual Paranaense**. Curitiba, 2021.

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível**: estética e política. São Paulo: EXO experimental; Editora 34, 2009.

\_\_\_\_\_. **O Mestre Ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lílian do Vale. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

\_\_\_\_\_. **Aisthesis**: escenas del régimen estético del arte. Tradução de Horacio Ponz. Buenos Aires: Manantial, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2019.

VARELA, Julia. O estatuto do saber pedagógico. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p.87-97.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**: educar. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

TRAVERSINI, Clarice Salete. O desencalxe como forma de existência da escola contemporânea. In: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fabiana de Amorim. (Orgs.). **Estudos Culturais e Educação**: desafios atuais. Canoas: Editora da Ulbra, 2012. p. 173-186.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adolescente 21, 28, 32, 40, 42, 43, 46, 48, 52, 64, 65, 67

Altas habilidades 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186

Aprendizagem 9, 12, 13, 14, 49, 52, 55, 57, 58, 61, 80, 84, 87, 91, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 109, 122, 128, 140, 141, 144, 145, 146, 147, 148, 158, 161, 163, 171, 172, 176, 190, 193

Artes visuais 86, 87, 88, 89, 92, 95, 96, 97

Avaliação 13, 26, 32, 36, 60, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 92, 100, 140, 143, 144, 146

### B

Bloques de base diez 128, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 137

### C

Comparaciones internacionales 203, 208

Comunicación educativa 1, 3, 6, 7

Contos 187, 188, 191, 192, 193, 194, 195, 196

### D

Desigualdades sociales 203, 204, 205, 206, 207, 208

Diretrizes da educação 179, 181

### E

Economia popular e solidária 166, 167, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 177

Educação 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 23, 25, 28, 31, 34, 37, 38, 40, 41, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 62, 64, 66, 67, 68, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 140, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 157, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 175, 176, 177, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 190, 191, 195, 212, 213, 217, 218

Educação de jovens e adultos 8, 9, 11, 15, 17, 18, 107

Educação empreendedora 166, 167, 168, 171, 172, 177

Educação especial 8, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186

Educação física 50, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127

Educação superior 54, 76, 77, 80, 81, 82, 84, 85, 115

Enade 76, 77, 79, 81, 82, 83, 84, 85

Ensino 1, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 34, 36, 38, 40, 41, 43, 49, 50, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 75, 77, 78, 79,

80, 81, 82, 83, 84, 87, 88, 89, 91, 92, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 109, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 141, 142, 143, 145, 147, 148, 149, 150, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 165, 167, 171, 172, 176, 182, 183, 184, 190, 191, 193, 195, 212, 217, 218

Ensino de ciências 8, 64, 218

Ensino fundamental 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 33, 40, 43, 64, 65, 66, 68, 69, 75, 92, 148, 149, 150, 156, 182, 184, 193, 217

Ensino médio 1, 14, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 32, 33, 36, 38, 40, 43, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 148, 150, 156, 159, 160, 167

Ensino médio integrado 120, 121, 122, 125, 126, 127

Escola 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 23, 25, 26, 28, 31, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 78, 89, 90, 92, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 109, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 143, 145, 146, 149, 150, 158, 159, 160, 164, 166, 167, 168, 170, 171, 175, 176, 182, 184, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195

Escolha 11, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 69, 72, 82, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 107, 121, 154

Escolha profissional 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 37, 38

Evasão 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 49, 84, 149, 158, 161, 163

## **F**

Fondos de conocimiento 128, 131

Formação 12, 13, 14, 15, 16, 17, 23, 25, 32, 38, 41, 43, 50, 54, 55, 56, 58, 59, 61, 62, 67, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 114, 120, 121, 122, 123, 125, 127, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 152, 153, 158, 165, 168, 172, 175, 176, 183, 184, 185, 189, 190, 191, 195, 218

## **G**

Gênero 28, 88, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 189

Gestão 2, 8, 13, 23, 36, 39, 41, 48, 50, 51, 53, 57, 61, 62, 81, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 143, 174, 178

## **I**

IFBA 120, 121, 122, 125, 126

Indumentária 146, 148, 150, 158, 162, 165

Inserción de los jóvenes 203

## **J**

jovens em conflito com a lei 39, 41, 48

## L

Lendas 187, 191, 193, 198, 199

Licenciatura 53, 76, 77, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 95, 96, 99, 218

Literatura 20, 21, 24, 27, 35, 37, 120, 122, 141, 148, 149, 150, 166, 181, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 195, 208

## M

Matemática 8, 128, 129, 130, 131, 132, 136, 137, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 162, 163, 164, 165, 218

Mediação tecnológica 1

Metacognição 128

Mitos 67, 183, 185, 187, 191, 193, 194

Modelagem matemática 146, 147, 148, 149, 158, 165

Mobilidade social 203, 204, 209

## N

Narrativas da tradição oral 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195

Neoliberalismo 166, 168, 177, 178

Números decimais 128, 129, 130, 132, 133, 134, 137

## O

Orientação profissional 20, 21, 22, 23, 24, 26, 33, 35, 36, 37

## P

Permanência 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 17, 44, 105

Pesquisa investigativa 64, 65

Políticas do saber 86

Projetos 18, 24, 25, 28, 36, 50, 79, 94, 100, 117, 146, 163, 164, 167, 175, 176

Psicologia sócio-histórica 20, 21

## Q

Qualidade 13, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 90, 100, 102, 105, 106, 107, 123, 148, 156, 163, 180, 185, 195, 213

## R

Redes sociales 1, 2, 5, 6

Rendimiento de los diplomas 203

Representaciones conflictivas 128

Representaciones múltiples 128

Reproducción social 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209

República 41, 77, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118

## **S**

Sexualidade 49, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 120, 125, 126, 127

Silvio Duarte Bock 20, 21

Sociedade 12, 13, 14, 16, 17, 20, 21, 28, 33, 35, 40, 42, 43, 49, 50, 75, 79, 81, 82, 85, 88, 96, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 123, 124, 125, 147, 151, 154, 165, 169, 172, 175, 176, 179, 185, 190, 194, 195, 198, 212

Socioeducação 39, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 51, 52

Superdotação 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186

## **T**

Teoria-prática 54, 55, 56, 61

Terapia ocupacional 54, 55, 56, 62, 63

TIC 7

## **U**

Unidade de internação 39, 40, 41, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES

4

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 @atenaeditora  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES

4

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)